

REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



ARTES

VOLUME 32, 2011

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FIALHO DE ALMEIDA E AS CORRENTES ESTÉTICO- -LITERÁRIAS NO FINAL DO SÉCULO XIX EM PORTUGAL**

Introdução

Na segunda metade do século XIX assistiu-se a uma proliferação de diversas correntes estéticas no campo das artes e das letras. No âmbito da literatura, basta olharmos para o índice do célebre

* Doutorado em História Cultural e das Mentalidades Contemporâneas. Investigador do Instituto de História Contemporânea (FCSH-UNL).

** Este artigo é constituído, na sua quase totalidade e com algumas alterações, por alguns subcapítulos da nossa tese de doutoramento em História Cultural e das Mentalidades Contemporâneas intitulada *A Ideia de Decadência Nacional em Fialho de Almeida*, a qual foi defendida em Setembro de 2010 na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Todas as citações foram submetidas a uma actualização ortográfica. Sempre que colocamos várias referências de fontes ou bibliografia numa única nota de rodapé, e na seguinte surge a indicação *idem*, *ibidem*, ou apenas *ibidem*, estamos a reportar o leitor apenas para a última dessas referências anteriores. Sempre que colocamos várias referências de fontes ou bibliografia numa única nota de rodapé e esta começa com *vide*, a expressão aplica-se a todas as referências da nota. Os textos de Fialho inseridos nas obras *Os Gatos* e *Vida Irónica* não têm propriamente um título. Têm sim, no índice de cada capítulo, que, no caso d'*Os Gatos*, corresponde a um número da publicação original, uma série de frases que constituem uma espécie de resumo do conteúdo dos textos. Para uma melhor identificação dos textos cada vez que os citamos em nota de rodapé, optámos por lhes atribuir como título a primeira e a última dessas frases que lhes correspondem nos índices, separadas por um travessão. Por vezes, o texto é tão breve que tem apenas uma frase no índice. Nesse caso, só colocámos essa frase.

Enquête sur l'Évolution Littéraire, do francês Jules Huret, publicado em 1891, para tomarmos consciência disso⁽¹⁾. Portugal não escapou a essa realidade, tendo sido José Valentim Fialho de Almeida (1857-1911) um dos escritores a reflectir sobre algumas dessas correntes, mas também a corporizar, na sua obra, a assimilação dos seus preceitos, embora de uma maneira muito *sui generis*. Neste artigo, procuraremos dar a conhecer essa reflexão, relacionando a sua evolução ao longo do tempo com a das próprias opções estéticas de Fialho enquanto escritor. Com efeito, existe uma íntima relação entre esses dois factores, a qual é necessário ter em conta para compreender a visão fialhiana sobre o assunto. Não obstante Fialho reúna, ao longo da vida, na sua escrita, influências de várias estéticas literárias, parece-nos haver sempre uma delas que é dominante em determinado momento. É esse domínio, em dado momento, de uma estética específica - Romantismo, Realismo-Naturalismo e, na fase madura, uma outra, de um eclectismo subjectivista, difícil de definir, próxima do Expressionismo - que condiciona a sua crítica no âmbito da literatura, como veremos.

A formação romântica: do fascínio ao abandono gradual

A segunda metade da década de 70 e o início da de 80, do século XIX, constituem um período no qual Fialho de Almeida procura libertar-se das influências do Romantismo e abraçar a estética realisto-naturalista.

De facto, a sua formação literária original era sobretudo romântica. Por referência directa e indirecta, temos conhecimento das leituras que Fialho privilegiava na sua juventude e, efectivamente, elas eram, se não todas, quase todas, representantes do género. Eram, também, na maioria, de origem francesa e, muitas, originalmente publicadas em folhetim. Entre os seus autores contavam-se, no campo do mistério e da aventura, Ponson du Terrail, Paul Féval, Xavier de Montépin e Pierre Zaccone, as leituras preferidas dos tempos do colégio, e, na área do romance de

⁽¹⁾ Jules Huret (1863-1915) agrupa os escritores franceses de então em Psicologistas, Magos, Simbolistas e Decadentes, Naturalistas, Neo-Realistas, Parnassianos, Teóricos e Filósofos, Independentes. Vide Jules Huret, *Enquête sur l'Évolution Littéraire*, Paris, Bibliothèque Charpentier, 1891, pp. 153-155.

costumes, Octave Feuillet e Ernest-Aimé Feydeau⁽²⁾. Ernest Capendu é aludido em vários textos⁽³⁾, e, no catálogo da sua biblioteca, podemos encontrar, ainda Victorien Sardou, Eugène Sue, Alexandre Dumas Pai, Dumas Filho, Victor Hugo, Alfred de Musset, Stendhal e mais de quatro dezenas de volumes de Balzac⁽⁴⁾. Os românticos portugueses também não lhe eram estranhos. Conhecia Camilo Castelo Branco, bem como Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Júlio Dinis, Júlio César Machado, entre outros⁽⁵⁾. Sobre esses tempos, escreve o seguinte, demonstrando o desenvolvimento de um espírito sonhador: "Todo eu era escadas de corda, alçapões, raptos, personagens mascarados e juramentos solenes [...] Estes devaneios eram positivamente um estado patológico. Estávamos magros e pálidos, adorávamos as noites de luar e as inglesas de olhos claros e tornozelo másculo, que nos domingos de inverno víamos sair da missa dos Ciprestes, loiras e frescas, apanhando os vestidos. Um piano, uma voz de mulher, qualquer namoro e o menor pormenor da vida das ruas, era para nós um tema de sentimentalidade. Suspirávamos por coisas etéreas e por aventuras trovadorescas"⁽⁶⁾.

É durante a colaboração na *Correspondência de Leiria* (1874-1877) que se inicia um processo de tentativa de transformação na tendência estética de Fialho, visível no folhetim "Ellen Washington". Trata-se da primeira tentativa fialhiana conhecida de produzir uma narrativa ficcional de maior extensão. Não obstante as suas lacunas narrativas, "Ellen Washington" tem grande valor enquanto testemunho, enquanto fonte para o conhecimento das experimentações literárias levadas a cabo pelo jovem escritor. De facto, Fialho consegue reunir neste texto influências de

(2) Vide Fialho de Almeida, "Quatro Épocas", in *Contos*, nova edição - revista e prefaciada por Álvaro J. da Costa Pimpão, s. 1. [imp. Lisboa], Livraria Clássica Editora, s.d., pp. 193-194, p. 197.

(3) Vide *idem*, "Ellen Washington", *Correspondência de Leiria*, nº 19, 7 Mar. 1875, p. 1; *idem*, "Ellen Washington", *Correspondência de Leiria*, nº 23,4 Abr. 1875, p. 1; *idem*, "Eu (Autobiografia)", in *À Esquina (Jornal de um Vagabundo)*, 7ª ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora, s.d. [imp. 1960], p. XIII.

(4) Vide *Sala Fialho de Almeida: catálogo geral da livraria legada pelo notável escritor José Valentim Fialho de Almeida à Biblioteca Nacional de Lisboa*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1914.

(5) Vide referências um pouco por toda a colaboração fialhiana na *Correspondência de Leiria*.

(6) Fialho de Almeida, "Quatro Épocas", in *Contos*, p. 194.

correntes tão diversas como o Romantismo, o romance gótico, o Realismo, ainda que incipiente, e mesmo, talvez, o Decadentismo. São ingredientes que ele mistura como quem usa um almofariz, utensílio que tão bem conhecia da botica onde trabalhava durante a adolescência. Dentre elas, o Romantismo, ou Ultra-Romantismo, é seguramente dominante, estando presentes uma boa parte dos seus *clichés*: a mulher-anjo, representada por Maria, a irmã do conde, e a mulher-diabo, encarnada por Ellen; o herói aristocrata; o burguês ridículo, oportunista e ganancioso; o bom padre; a regeneração de uma das personagens principais, neste caso do conde, com objectivos claramente moralistas; a forma como as questões do foro emocional são exacerbadas: os suicídios, os raptos por motivos passionais, os desmaios, as mudanças repentinas de humor e de intenções, o sentimentalismo.

Porém, em "Ellen Washington", já é possível vislumbrar uma certa perspectiva realista. Nesses momentos, Fialho procura no passado das personagens a explicação para as suas falhas de personalidade. É uma abordagem ainda ligeira, mas já deixa transparecer algumas preocupações com a influência do meio e da educação e com a crítica social. Podemos encontrá-la, no primeiro caso, quando Fialho nos relata a infância e juventude de Ellen e do conde de Reguengos, no segundo, quando retrata o "mundo elegante" de então, num traço caricatural já indiciador do que o futuro traria⁽⁷⁾. Mas o principal exemplo da influência do Realismo em

⁽⁷⁾ "O mundo elegante, de que tanto se fala nos romances e nos folhetins, nos poemas revolucionários ou líricos, é considerado em Portugal uma série de famílias, a maior parte arruinadas que levam vida airada, permita-se a frase. Uma cópia perfeita, não tanto como fotografia, com maus tons aqui e ali, e contrastes na verdade bem lastimosos. Exemplo: Dois condes legitimistas bacharelados em Coimbra e arruinados em Lisboa numa "batota" do Arco de Bandeira. Quatro viscondes que frequentaram o Instituto Agrícola e gastaram quatro anos sem uma nota passable na frequência. Vinte barões (até à época em que se escreve, que na fornada nova vieram doze), suíça espessa e curta, cujos pergaminhos não vieram de fonte limpa e cujos brasões não estão no Palácio de Sintra, nem deles são derivados. Duzentos moços fidalgos e suas sapatas ferradas; quatro desembargadores surdos; dois advogados cínicos; um cronista gasto e escorbútico e alguns padres lazaristas de unhas polidas e faces rubicundas. Damas: seis condessas perfumadas e vestidas de preto com véus amplos sobre as frentes maceradamante castas; duas viscondessas românticas e pálidas, franzinas como as Beatrizes dos solarengos da meia-